

## Os Museus e a Sociedade em Rede<sup>1</sup>

Moana Soto\*

O patrimônio sempre terá uma função social, ou seja, está servindo a um propósito específico, explícito ou não. Através dele, seja em sua forma material ou imaterial, os Homens constroem relações com os demais membros de sua cultura, com outras culturas ou com as gerações que os antecederam, desta forma desenvolvendo suas identidades. No entanto, a construção destas mediadas pelo patrimônio pode ser dirigida com um processo claro, ou guiada por concepções ideológicas inconscientes.

Os museus, como patrimônio que são, também têm a sua razão de ser e de existir e, por assim ser, são pensados para atingir a determinados objetivos, estabelecendo a partir daí sua função social, seu espaço de ação na sociedade.

Um mesmo objeto pode ter diferentes funções sociais, os museus atuam criando novas funções para os objetos e, em muitos casos, procurando uma postura de neutralidade destes. Uma suposta neutralidade dos museus reside na mera exposição descontextualizada dos objetos. No entanto, retirar o contexto, independente de qual seja, a história do objeto, acaba por desumanizá-lo, tornando-o assim um mero objeto de fetiche, exótico.

Esse procedimento de anulação da história do objeto, além do efeito desumanizante, inviabiliza a construção de uma relação de empatia entre as culturas. O objeto fetichizado pode até ser simpático ao olhar do outro, mas nunca um mediador no estabelecimento desse diálogo real entre os povos, pois não valoriza o diferente, tão somente havendo uma apropriação do patrimônio do outro.

Museus e patrimônio podem ter as mais diversas funções sociais, cada um destes com seus objetivos específicos e, em alguns casos, apesar de terem as mesmas intenções, podem atuar de forma distintas e atingir resultados diferentes. O patrimônio hoje, assim como o museu, não tem uma função social única e, para estabelecer essa função, é fundamental o posicionamento político, já que uma suposta neutralidade é uma ideologia, uma falsa concepção, por sua inviabilidade. A neutralidade é impossível numa sociedade cindida, sendo ela própria um posicionamento, mesmo que não consciente em relação ao mundo: o da aceitação de sua estrutura social.

Os museus tanto podem reagir contra as forças de poder, como as servir, tornando-se palco para as lutas, os embates sociais. Assim, pensar na obra do autor espanhol Manuel Castells, que conseguiu descrever a sociedade pós-moderna, pode ajudar a explicar como a chamada sociedade da informação se organizou e qual a lógica de seu funcionamento.

Castells (2003a) diz que, no fim do século vinte, o mundo presenciou a emergência da Era da Informação, sob cuja base formou-se uma sociedade em rede. A nova sociedade global conecta-se em escala mundial, e esta interdependência nos faz pensar o mundo como uma unidade totalmente interligada.

As inovações tecnológicas de informação e a reestruturação do capitalismo logo após a queda do comunismo são os aspectos decisivos na construção desta nova sociedade. Então, o capitalismo utilizou-se das inovações tecnológicas para alcançar

\* *Mestranda em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.*

<sup>1</sup> Este artigo foi desenvolvido a partir das reflexões surgidas após a apresentação da professora Paula Assunção no seminário letivo do curso de Mestrado em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa, Portugal), em 2009.

seus objetivos: a maximização do lucro, a ampliação das regiões integradas diretamente ao mercado mundial, a mercantilização de todas as esferas sociais e a consolidação de uma hegemonia ideológica.

Esse novo modo de desenvolvimento desencadeia uma mudança global na sociedade, a transformação das tecnologias utilizadas em prol da produtividade está ligada à produção e à difusão do conhecimento, das informações.

Conhecimento é poder. Quem tem a capacidade de gerar tecnologia voltada para a produção de conhecimento, processar as informações e criar novas comunicações simbólicas, hoje detém o poder político sobre a sociedade. A mídia atualmente configura-se como base de regulamentação das relações sociais, a difusão do conhecimento torna-se fundamental e eleva as formas de comunicação ao nível estrutural desta nova sociedade.

Diante desse quadro, as informações possibilitam a difusão de informações que vão viabilizar a descentralização da produção dos bens de consumo, ou seja, o chamado processo de globalização enfraquece o poder do Estado como regulador das organizações tradicionais, já que estas não encontram-se mais limitadas ao âmbito nacional.

Agora o que irá produzir os processos produtivos nessa sociedade são as redes, todos os processos dominantes passam a serem organizados desta maneira. Os mais diversos tipos de redes funcionam de forma horizontal, de interdependência, nunca hierárquica.

O patrimônio em rede encontra-se como proposta de dinamização da ação museal por meio das relações entre os museus e outros espaços de importância patrimonial, criando uma única coleção que seria de responsabilidade de todos, ou seja, além do acervo ser grandioso e mais diverso, há uma maior disponibilidade de técnicos, não há mais uma equipe única.

As relações de trabalho mudam. Há uma tendência a individualização do trabalho, a interligação, uma nova divisão do trabalho baseada nas capacidades pessoais e ninguém mais trabalha sozinho, esse processo se dá por meio de relações aparentemente contraditórias. Em nível individual, há a aparência de uma ampliação de sua autonomia, mas pelas redes de controle do Capital e a complexificação da produção. Na verdade, no entanto, esta autonomia não existe. É apenas uma estratégia de aumento da subsunção do Trabalho ao Capital para além dos braços, mas com a utilização das mentes dos trabalhadores para a valorização do capital e o planejamento produtivo.

O profissional hoje não precisa mais saber de tudo a respeito de sua atividade. O mais importante é saber onde encontrar a informação precisa, o conhecimento de que necessita. O que importa é ter uma boa rede de relações, estar inserido em uma rede de conhecimentos que trate das suas atividades profissionais e das questões pertinentes nesta área.

Para Castells (2003a) a Era da Informação ocasionou profundas transformações na sociedade, inclusive nas idéias de espaço e tempo. O espaço pode ser entendido como um conceito social tal como um conceito físico ou matemático, destacando aqui o chamado espaço de fluxos. O espaço dos fluxos baseia-se nas telecomunicações, nos sistemas de computadores e nos locais onde esta interação tem lugar. É o espaço principal onde se move a globalização (SANTOS, 2005).

A nova economia mundial é globalizada, o mundo encontra-se organizado em redes, formadas por diversos pólos espalhados nas mais diversas nações, ou seja, existe uma descontinuidade geográfica que torna necessária as ligações entre estes espaços, para que mesmo em um processo produtivo, aparentemente fragmentado, seja possível alcançar um objetivo único.

Será em torno dos grandes centros de comando e controle de inovação, coordenação e gestão de redes, as chamadas cidades globais, em que vão estar os pólos dinamizadores da ação das grandes redes econômicas mundiais. A importância destes centros não é devida à sua posição geopolítica apenas, e sim pelo que cada centro pode oferecer em matéria de serviços que possam beneficiar de alguma forma o funcionamento das redes.

Ao pensar nesta lógica, o que Castells (2003a) considera que os nós da economia global são aqueles que concentram as funções de topo de uma rede. Quem controla a chamada Era da Informação, os grandes conglomerados transnacionais, em particular midiáticos, é quem controla os códigos e a capacidade simbólica de rever e inventar

novos códigos, ou seja, os nós têm o comando dos códigos sociais, fundamentais ao funcionamento das redes.

Os centros tradicionais da economia mudaram, com uma ampliação dos atores mais importantes: a realidade da existência das transnacionais que ultrapassam fronteiras, migrando atrás das melhores ofertas de condições a realização de seus lucros; e a emergência de novas economias de primeira grandeza, como a China e a Índia. Diante deste quadro, a importância dos museus muda, eles deixam de ser um instrumento de legitimação do Estado e passam a atuar por meio dos diversos contextos sociais, contemplando a diversidade cultural, presente em meio a uma sociedade globalizada.

A teoria sociológica de Castells (2003b) aponta o espaço como o suporte material das práticas sociais em um tempo compartilhado, assim, um território nunca será dado, mas construído por meio do tempo compartilhado pelos indivíduos em meio as suas atividades cotidianas. Desta forma o espaço é dinâmico, não mais refém do território da geopolítica, com o surgimento, por exemplo, de espaços integrados e não integrados ao mundo globalizado nas fronteiras de cada país, e a remodelação dos espaços de riqueza e pobreza, também não mais distribuídos só entre países, mas presentes em todos eles. O espaço na contemporaneidade irá fundamentalmente depender mais das práticas sociais do que da localização nos mapas, devido a compressão do espaço-tempo.

As novas necessidades mundiais acabam por criar novos espaços, que Castells (2003a) chama de espaço de fluxos, ou seja, é a organização material das classes no tempo compartilhado, tal como antes, mas agora funcionando por meio de fluxos. O espaço aqui não é uma região ou local, nesta lógica o espaço é uma conexão entre os pólos, um canal de fluxo, a circulação permanente pela via das novas tecnologias informacionais das relações sociais.

O espaço de fluxos funciona através de camadas interligadas: a primeira é o circuito de impulsos (internet, fibra ótica, etc.), a segunda são os próprios nós da rede, núcleos de poder, e a terceira camada refere-se à organização espacial das elites administrativas da rede, onde estão os indivíduos que dominam os códigos sociais.

Dentro destes espaços, as elites criam segregações simbólicas, sendo que nessa lógica estão presentes os museus. Compreendidos enquanto espaços simbólicos, que regulamentam os códigos sociais, as instituições de cultura serão responsáveis também pela legitimação e criação de determinados códigos que vão garantir as elites um local diferenciado, o qual atua isolando-os do resto da sociedade, a fim de destacar seu modo de vida como algo superior às outras formas de viver no mundo.

O intercâmbio de objetos entre museus universais, considerados aqui como núcleos de poder inseridos em uma rede internacional do patrimônio global, é um exemplo do espaço de fluxos no âmbito das instituições culturais. Outra característica a se apontar, está relacionada ao próprio espaço físico desses museus universais, que tanto se assemelham, tanto em sua forma de organizar a apresentação de seus acervos, quanto em sua forma de identificar os espaços simbólicos das elites, através de sua suntuosidade.

A arquitetura, então, surge como a melhor forma de apropriação visual das mudanças ocorridas na sociedade pós-moderna. Para Castells (2003b) a arquitetura seria uma espécie de ato falho da sociedade, uma arquitetura sem referenciais históricos ou raízes territoriais. Desta maneira, a arquitetura serve para mostrar como estão organizados os poderes em uma sociedade, sendo que os museus também não fogem dessa lógica, ou seja, a arquitetura dos museus expressa a interconexão entre as elites mundiais, para além do local, com características universais, como por exemplo, os museus Guggenheim.

Será através da reação do local contra global, que também se dá no meio museológico, que teremos então um contraponto à política dominante em relação aos espaços dos fluxos. As redes de ecomuseus, os museus virtuais e itinerantes são exemplos de instituições que tentam romper com a lógica dominante, buscando construir novas formas de lidar com o patrimônio, valorizando, tanto indivíduos como questões, que estão à parte deste espaço de fluxos.

Os museus hoje tratam de territórios, histórias (pessoais e/ou coletivas) e também dos espaços de fluxos, tal como os movimentos sociais. Um exemplo seria o District Six Museum, localizado na Cidade do Cabo, inicialmente era um museu que tinha como função pensar a memória do bairro que uma vez lá existiu, além de colaborar com documentos dos moradores, no entanto, a temática do museu foi se aproximando de outras questões mais

abrangentes, e as exposições passaram a tematizar exatamente nas questões relativas ao deslocamento forçado das populações de refugiados pelo mundo a fora.

O ideal da sociedade em rede é que não se pode mais tentar resolver os problemas de ordem socioeconômica somente dentro dos limites territoriais. Hoje não existe mais o estado de bem-estar social tão divulgado pelo sistema capitalista no período em que estava em conflito com o socialismo, sendo que após a queda da URSS, o discurso de conciliação social e construção de redes de seguridade social perde sua utilidade, já que não há mais nenhum concorrente direto ao sistema. Logo, a era das reformas sociais em nível nacional passou. A construção de alternativas sociais e societárias passa pela construção de laços internacionais e mobilizações globais, no mesmo nível em que se expressa a ofensiva contra os direitos sociais. Se as elites são globais, as mobilizações contra estas deverão sê-las.

Hoje os museus enfrentam uma nova situação, não mais fincada no território, e sim nos espaços de fluxo. Ou seja, vinte anos depois das inovações trazidas pela Nova Museologia, o território deixa de ser parte única e exclusiva de uma comunidade local, passando a ser parte do patrimônio de uma série de cidadãos a partir do momento em que se considera os espaços de fluxo. De fato, o território físico pode até se manter o mesmo, mas os indivíduos serão outros, ou seja, o que está sempre em transformação são as comunidades.

Sendo os espaços constituídos pelos indivíduos, a questão da hibridização cultural e do multiculturalismo é uma dinâmica muito complexa que assume diferentes formatos em cada local em que se instala, tendo em vista que os conflitos e relações sociais são distintos. A imigração, por exemplo, é um fato que cria várias tensões culturais, sociais, econômicas e políticas, hoje em meio a Era da Informação, essa hibridização cultural é uma tendência a nível global.

Hoje é impossível pensar uma Museologia local sem levar em consideração a esfera global. A possibilidade das trocas entre museus e espaços voltados para a valorização de um dado patrimônio oferece uma série de possibilidades no que diz respeito à exploração do mundo em si.

Ainda assim, a função social de um museu está intimamente ligada ao espaço em que se encontra, independentemente de qual seja (aqui incluímos também os museus virtuais), e será por intermédio dessa função que será traçada uma linha mestra de ação, a fim de fundamentar e orientar toda e qualquer atividade no âmbito da instituição.

A identidade na sociedade em rede é uma forma de resistência e de legitimar o poder; as formas tradicionais de organização social e de ação social estão mudando; novas formas de controle e organização social são necessárias, e a teoria de Castells (2003a) coloca que estas formas se organizam através de identidades primárias.

Dentro da lógica de construção da identidade, fica clara a função do patrimônio como instrumento de criação e difusão das identidades. Hoje o papel do museu é atuar a serviço das novas identidades, a fim de as afirmar e divulgar. O museu pode atuar através da instrumentalização de seu acervo e da atração das múltiplas culturas (que são globais ou de outras origens) existentes em suas imediações, para colaborar na construção das mediações entre estas, no sentido não só da criação da tolerância, como da hibridização e de novas identidades inclusivas.

Há, cada vez mais, uma demanda por museus, espaços de memória institucionalizados para a divulgação das múltiplas identidades, sendo que tal necessidade desponta no âmbito dos movimentos sociais, em especial no Brasil. Como espaço de resistência, destacam-se museus que buscam a quebra de diversos preconceitos: Museu Arte Negra, Museu do Índio, Museu Imagem do Inconsciente, rompendo, respectivamente, com o preconceito racial, cultural e contra os pacientes psiquiátricos, mostrando que estes produzem arte, possuem cultura e identidades. Sendo que também é válido destacar que, em muitos casos, as instituições pensadas para servir de porta voz dos grupos sociais excluídos, como a casa das memórias esquecidas, tornam-se também instrumentos de resistência e legitimação da identidade cultural.

Na sociedade em rede existem três tipos de identidade: legitimadora, de resistência e de projeto. A identidade legitimadora é a do poder dominante, é uma identidade que está mais próxima dos museus, em especial das grandes instituições tradicionais, e cria a sociedade civil que cria e divulga os códigos oficiais, regulamentando a vida dos indivíduos.

Em contraponto, há a identidade de resistência que se coloca contra aquilo que

é dominante, resiste aos códigos impostos por grupos mais poderosos. Sendo que a identidade que vai de encontro à sociedade da informação, é uma identidade que está construída em torno de um projeto social comum entre uma série de indivíduos, cria-se uma comunidade baseada não mais em aspectos étnicos ou locais, agora há um projeto em comum que une diversos tipos humanos.

Estes tipos de identidade refletem as tantas tipologias de museu que ainda coexistem em meio ao mundo globalizado. Ainda existem os museus tradicionais que são um reflexo das identidades legitimadoras, enquanto temos os ecomuseus que, através do movimento da Nova Museologia, apresentam-se como uma identidade de resistência. Além destes, hoje existem tantos museus que tratam de questões comuns a inúmeras pessoas, tal como o Museu de Anne Frank (em Amsterdam, Holanda) que representa a luta dos judeus contra o anti-semitismo, o fascismo, geradores do Holocausto.

A organização dos museus também foi se alterando ao longo do tempo, apesar de museus de diferentes formas conviverem até hoje. Os primeiros museus estavam organizados por funções, os profissionais tinham suas tarefas individuais; mais tarde, os museus criam seus departamentos, uma atuação através de valores compartilhados, todos trabalhavam juntos; e na atualidade a principal questão dos museus na sociedade global é como se criam relações entre pessoas, ou seja, mais que trabalhar junto, a relação é algo constante e construída em comunidade.

As redes são feitas de ligações, formadas fundamentalmente por conexões, nós e elos. Esse conceito apresenta a sociedade como um grande coletivo humano interligado por meio de grupos ou instituições que se comunicam entre si. Redes são sistemas que criam e refletem culturas, sendo que cada rede, inserida na lógica do mundo globalizado, ainda assim tem seus códigos próprios, sua estética particular.

O conceito de rede hoje, de uma maneira geral, está mais diretamente relacionado à idéia de desenvolvimento tecnológico e o business, no entanto, no campo das ciências sociais, pode-se perceber as redes de contatos como espaços efetivamente privilegiados de troca e produção de conhecimento, as redes de contatos são unidades de informações e sentidos.

A rede é uma forma de se organizar um determinado trabalho, diferentemente da ordem hierárquica de organização tradicional, a idéia da rede é que todos atuem em parceria, que seja uma atividade a qual cada um dependa do trabalho outro. Ao tratar os grupos sociais em rede, o fluxo tem muito mais importância que as posições em si, as redes lidam com o movimento, os indivíduos, os elos, desempenham papéis e não, necessariamente, ocupam posições, assim uma rede nunca será uma estrutura fixa.

Hoje as redes são o principal instrumento de ação da economia mundial, no entanto, os métodos, as informações estão disponíveis ao alcance daqueles que desejam se apropriar a fim de utilizar as possibilidades de ação, por meio de redes, em seus próprios projetos sociais. A maneira de se utilizar da rede acaba por variar de acordo com as necessidades específicas dos grupos e indivíduos que estão a trabalhar.

Nas redes de conhecimento há uma troca de informações entre os elos com o objetivo de que todos possam construir seu conhecimento. Para isso, Castells (2003a) coloca que existem três componentes fundamentais, o domínio, o interesse comum e a identidade de processo, todos trabalhando pelo sustentabilidade da rede.

Quanto mais redes são estabelecidas, mais ligado à totalidade global se está, construir elos entre as redes é criar comunidades dentro e fora dos territórios, a nível mundial. Viver em sociedade hoje é, portanto, entrar e sair de redes, trocando informações e conhecimentos, até mesmo recursos materiais e humanos.

A produção de conhecimento se torna algo muito rico no interior de uma rede, em virtude desse encontro de realidades que ora se chocam, ora interagem. É através da comunicação entre elos, da informação que circula e alimenta as diversas redes sociais que se possibilita a elaboração teórica e prática de algo que vai produzir sentidos e retroalimentar a rede.

Os desafios da sociedade da informação hoje são indissociáveis das questões pertinentes à mundialização. As diversas correntes que pensam acerca da sociedade da informação, têm em comum a visão de que este novo mundo deve ser livre, comercial e socialmente, no que diz respeito à liberdade de expressão. Porém, sabemos que, para além do que Castells coloca, se estas possibilidades (ou melhor, necessidades) se colocam no horizonte, elas estão em contradição com as demais tendências econômicas e da estrutura de classes, que apontam ao contrário para a monopolização do conhecimento

e o cerceamento real da liberdade. Conhecer as potencialidades colocadas, e os limites ao seu desenvolvimento, é uma tarefa da atual museologia para que possa se posicionar e colaborar para a superação destes tanto em seu espaço como no mundo, tarefas que estão interligadas. As novas tecnologias da informação abrem o caminho para a globalização cultural e para a emergência de uma sociedade global através da tecnologia, mas será na arena das relações sociais que ela se consolidará ou não. ■

---

## Referências

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Lisboa: Fundação Caloute Gubenkian, 2003a.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Vol. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003b.

SANTOS, Beja. *Castells, o genial artesão tecnológico*. Lisboa: Artciência, 2005. Disponível em: <<http://www.artciencia.com/Admin/Ficheiros/BEJASANT137.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

Recebido em: 02.10.2009

Aceito em: 22.01.2010